



**IV Semana de História do Pontal
III Encontro de Ensino de História**

POLÍTICA, GÊNERO E MÍDIA
na pesquisa e no ensino de História

Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal
29 de novembro a 02 de dezembro de 2016

ISSN: 2179-5665



A importância da história oral como metodologia de pesquisa

Maria Cristina Santos de Oliveira Alves*

A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas. (THOMPSON, 1998, p. 337).

Introdução

Este artigo tem o objetivo de apresentar parte de minha pesquisa de Mestrado desenvolvida na Linha Metodológica da História Oral (HO) na Unicamp, enfocando a importância da HO como metodologia em pesquisas. O objetivo da pesquisa de Mestrado foi o de investigar a formação em serviço oferecida aos professores-alfabetizadores da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia-MG, no período de 1990 a 1995.

Para tanto, optei por uma abordagem qualitativa, tomando como base importante os depoimentos¹ dos sujeitos pesquisados. Acredito que, em seus depoimentos, os professores puderam relatar suas experiências como docentes da Rede Municipal, tomando como referência o período já citado anteriormente.

Para o desenvolvimento deste estudo, optei por trabalhar com a triangulação dos dados coletados segundo alguns eixos de análise, quais sejam:

O primeiro eixo visa a compreender e conhecer a história da educação, de Uberlândia, no período selecionado para pesquisa, de 1990 a 1995. O segundo eixo de análise refere-se à compreensão do papel da HO como referencial teórico-metodológico que possibilita a investigação da memória dos docentes sobre o período focado. O terceiro eixo remete a uma proposta de análise dos depoimentos, com base na perspectiva assumida e nos documentos pesquisados.



**IV Semana de História do Pontal
III Encontro de Ensino de História**

**POLÍTICA, GÊNERO E MÍDIA
na pesquisa e no ensino de História**

Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal
29 de novembro a 02 de dezembro de 2016

ISSN: 2179-5665



Importante destacar que no meu trabalho de Mestrado foram aproveitadas também narrativas relativas ao período anterior ao escolhido para a pesquisa, pois ao se referirem aos anos 1990 – 1995, por vezes, os professores entrevistados acabaram por rememorar os anos anteriores a esses, uma vez que esse período foi definido no decorrer da pesquisa. O recorte cronológico foi construído durante o percurso do trabalho de campo. Com isso, pude estabelecer relações e comparações de diferentes períodos.

Para este artigo, optei por apresentá-lo em três partes assim distribuídas: Na primeira, mostro a importância da HO como trilha de pesquisa. Na segunda, a História Oral como caminho metodológico. Na terceira, apresento as considerações finais com as conclusões da pesquisa maior (Mestrado) e, por fim, resalto a importância dessa metodologia em pesquisas diversas.

A importância da história Oral como trilha da pesquisa

González Rey (2002, p. 56), psicólogo cubano que reside no Brasil, apresenta uma visão de pesquisa qualitativa em que pesquisador e pesquisado se mantêm em constante desenvolvimento, considerando não só o que o sujeito fala, mas o sentido da fala. Sendo assim, ele afirma:

Toda pesquisa qualitativa deve implicar o desenvolvimento de um diálogo progressivo e organicamente constituído, como uma das fontes principais de produção de informação. No diálogo se criam climas de segurança, tensão intelectual, interesse, confiança, que favorecem níveis de conceituação da experiência que raramente aparecem de forma espontânea na vida cotidiana (GONZÁLEZ REY, 2002, p. 56).

A pesquisa qualitativa abrange, segundo Bogdan e Biklen (1994), a aquisição de dados descritivos, conseguidos pelo pesquisador, diretamente com o fato a ser pesquisado, com maior ênfase no processo de constituição do que em seu produto final, preocupando-se também em destacar as perspectivas dos sujeitos:

[...] um campo que era anteriormente dominado pelas questões da mensuração, definições operacionais, variáveis, teste de hipóteses e estatística alargou-se para contemplar uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a



IV Semana de História do Pontal III Encontro de Ensino de História

POLÍTICA, GÊNERO E MÍDIA
na pesquisa e no ensino de História

Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal
29 de novembro a 02 de dezembro de 2016

ISSN: 2179-5665



indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais. Designamos esta abordagem por “Investigação Qualitativa” (BOGDAN E BIKLEN, 1994, p.11).

O trabalho com a pesquisa qualitativa exige que o investigador se preocupe em compreender os eventos investigados, a partir sempre de seus contextos, sendo necessário, assim, uma descrição detalhada das condições de produção. A procura por várias fontes favorece uma melhor contextualização do recorte feito.

História oral: caminho metodológico

A História Oral (HO), como referencial teórico-metodológico dentro da abordagem qualitativa, apresentou-se como uma possibilidade profícua à realização desta pesquisa, uma vez que o objetivo deste estudo é investigar a formação em serviço oferecida aos professores-alfabetizadores da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia-MG, no período de 1990 a 1995. Segundo a perspectiva da HO, a reconstrução da memória dos professores do município é possível através dos depoimentos orais juntamente ao cotejo a documentos do arquivo da Prefeitura Municipal de Uberlândia/Secretaria Municipal de Educação que tratam do mesmo recorte de estudo.

A HO caracteriza-se como uma metodologia de pesquisa que busca ouvir e registrar as vozes dos sujeitos excluídos da história oficial e inseri-los dentro dela. Assim, pretendo incorporar as vozes dos professores-alfabetizadores à história da formação continuada de professores de Uberlândia. Guedes-Pinto, ao estudar as práticas cotidianas de leitura das professoras-alfabetizadoras e sua relação com os cursos de formação de professores, utiliza a metodologia da HO que, para ela, possibilita movimentos de mudanças e de posturas, tanto para o pesquisador quanto para o sujeito pesquisado. Sendo assim, a autora afirma:

A HO preocupa-se, fundamentalmente, em criar diversas possibilidades de manifestação para aqueles que são excluídos da história oficial, tanto a “tradicional” quanto a contemporânea, e que não possuem formas suficientemente fortes para o enfrentamento das injustiças sociais. (GUEDES-PINTO, 2002, p.95)



**IV Semana de História do Pontal
III Encontro de Ensino de História**

**POLÍTICA, GÊNERO E MÍDIA
na pesquisa e no ensino de História**

Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal
29 de novembro a 02 de dezembro de 2016

ISSN: 2179-5665



Nessa perspectiva, a entrevista, como forma de recolher os depoimentos, mostra-se como um procedimento pertinente para este propósito, uma vez que não encontrei registros nos arquivos que trouxessem o ponto de vista dos professores sobre a história da formação continuada do município.

Vários autores da HO têm destacado a importância da qualidade da relação que se constrói entre pesquisador e pesquisado. O êxito da entrevista começa antes mesmo de ela acontecer, quando é feita a preparação para realizá-la e quando há o contato e um compartilhamento da realidade a ser enfocada entre pesquisador e o sujeito a ser entrevistado.

Nesse sentido, Thompson, pesquisador inglês, que produziu vários trabalhos de impacto na perspectiva da HO, considera que:

Há algumas qualidades que o entrevistador bem-sucedido deve possuir: interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar (THOMPSON, 1998, p. 254).

No momento da entrevista, o entrevistado pode refletir sobre sua prática, pode se emocionar e pode vir a reformular suas idéias na medida em que se vê perante o outro que o indaga e o escuta. De acordo com Le Vem *et al*:

As entrevistas permitem ao entrevistado uma reformulação de sua identidade, na medida em que ele se vê perante o outro. Ele se percebe “criador da história” a partir do momento em que se dá conta que, mesmo minimamente, transformou e transforma o mundo (talvez até sem ter a consciência disso), questionando elementos da vida social. Então ele pára e reflete sobre sua vida _ e este momento é acirrado pelas entrevistas, ocorrendo com frequência _ se vê como um ator social e “criador da história”. Essas pessoas, de objetos da pesquisa, se tornam sujeitos, pois percebem não só sua história de vida, mas seu projeto de vida nesse processo de auto-análise (1997, p. 220).

Ao mesmo tempo em que a entrevista possibilita o compartilhar de experiências e aproximação entre o sujeito-pesquisado e o pesquisador, não se pode esquecer de que ambos têm diferentes interesses em uma entrevista. Ao pesquisador interessa ouvir e registrar a narrativa, enfim, o que vai ao encontro do tema estudado, ou seja, o objeto de estudo. Interessa ao pesquisado relatar aquilo que lhe é significativo, que lhe é importante e que, por isto, para ele, deve e merece ser narrado.



**IV Semana de História do Pontal
III Encontro de Ensino de História**

POLÍTICA, GÊNERO E MÍDIA
na pesquisa e no ensino de História

Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal
29 de novembro a 02 de dezembro de 2016

ISSN: 2179-5665



Amado (1997) enfatiza o papel ativo do sujeito pesquisado e procura também desconstruir o mito de que apenas o pesquisador tem interesse na pesquisa ou de, ao “devolvermos” a pesquisa aos sujeitos, estaríamos fazendo corretamente a parte que nos cabe no “contrato”. A autora chama a atenção para o fato de o sujeito que cede a entrevista ter também seus próprios objetivos e sua própria agenda:

[...] quando alguém concorda em ser entrevistado, tem objetivos concretos a atingir, relacionados não ao historiador, mas a si próprio, ou seja: conceder ou não a entrevista é um ato voluntário, integrante de um complexo universo de interesses e estratégias ao qual, muitas vezes, o historiador sequer tem acesso (AMADO, 1997, p. 153).

O pesquisador pretende ver o que é relevante para sua investigação. Diante das entrevistas, pode-se fazer recortes das partes do todo para atender aos objetivos propostos pelo estudo, tendo ciência de que tais recortes devem respeitar a perspectiva da narrativa apresentada pelo entrevistado. Aí está um dos compromissos éticos do pesquisador com os sujeitos e com a pesquisa: ao fazer uso dos depoimentos, deve respeitar e procurar ser fiel à visão do entrevistado.

Conforme destacado, ao utilizar os relatos, o pesquisador pode fazer uso das partes que forem pertinentes ao seu objeto de estudo. Segundo Queiroz (1988, p.18), o pesquisador utilizará em seu trabalho partes do relato que sirvam aos objetivos fixados, destacando os tópicos que considera útil e deixando em separado aqueles que acredita estarem fora de seu interesse e que podem até futuramente tornar-se objeto de reflexão.

Outro elemento fundamental ao trabalho que toma a metodologia da HO como princípio, é a importância da memória nesse processo de propor aos sujeitos a retomada do passado, mesmo que recente. A memória aqui é compreendida como trabalho, tal como Bosi (1995) a define, isto é, o processo de rememoração exige daquele que recorda um re-fazer, exige uma recuperação do passado a partir do que foi vivido, até o momento presente.

Por essa perspectiva, a autora acredita que a memória demanda uma re-elaboração do presente para que possa ser evocada e assumida. Por essa razão também, a rememoração é tomada como uma situação de reflexão, de novas formulações sobre o narrado, possibilitando, com isso, a quem fala, uma oportunidade de refletir sobre si mesmo e seu passado vivido.



**IV Semana de História do Pontal
III Encontro de Ensino de História**

POLÍTICA, GÊNERO E MÍDIA
na pesquisa e no ensino de História

Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal
29 de novembro a 02 de dezembro de 2016

ISSN: 2179-5665



Nesse sentido, a metodologia da HO toma o processo rememorativo como um elemento importante para se retomar o estudo de épocas passadas, mesmo que não tão longínquas como é o caso deste estudo que se volta ao final do século XX.

Guedes-Pinto, em sua análise do trabalho de Moraes (1999), ao realizar uma retrospectiva dos estudos que optam pela rememoração, compreendendo-a como forma também de formação, comenta:

A autora destaca o papel da narrativa das professoras na pesquisa realizada, indicando a narração como um caminho metodológico que proporciona ao entrevistado a possibilidade de reflexão sobre sua própria prática, e até de redirecionamentos em relação à sua vida profissional (GUEDES-PINTO, 2002, p. 42).

Segundo Meihy (2005), outro pesquisador brasileiro que atua na perspectiva da HO, o trabalho com a memória possibilita aos sujeitos pesquisados uma outra compreensão do período histórico evocado, qual seja:

A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral. Nessa medida, a história oral não só oferece uma mudança no conceito de história, mas, mais do que isso, garante sentido social à vida de depoentes e leitores, que passam a entender a seqüência histórica e se sentir parte do contexto em que vivem (MEIHY, 2005, p.19).

Portelli, ao referir-se à HO e às especificidades que ela possui dentro das ciências humanas, afirma:

[...] a história oral é uma forma específica de discurso: história evoca uma narrativa do passado, oral indica um meio de expressão. No desenvolvimento da história oral como um campo de estudo, muita atenção tem sido dedicada às suas dimensões narrativa e linguística (2001, p. 10).

É importante destacar o caráter dialógico presente nas formas de trabalhos dentro da HO. Segundo Portelli, isso pode ser comprovado pela presença do pesquisador em campo com os sujeitos e pela apresentação do material recolhido pelo pesquisador aos seus pesquisados. Em outras palavras, ela é um discurso dialógico em virtude do que dizem os entrevistados e a análise dessas falas pelo pesquisador. Isto é, o pesquisador sempre afirma algo em função do dizer do outro.

Explicitando melhor essa dialogicidade do discurso oral, o autor explica que “[...] podemos definir a história oral como o gênero de discurso no qual a palavra oral e



IV Semana de História do Pontal III Encontro de Ensino de História

POLÍTICA, GÊNERO E MÍDIA
na pesquisa e no ensino de História

Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal
29 de novembro a 02 de dezembro de 2016

ISSN: 2179-5665



a escrita se desenvolvem conjuntamente, de forma a cada uma falar para a outra sobre o passado” (PORTELLI, 2001, p.13).

Finalmente é importante frisar que, ao se optar por trabalhar com fontes orais na HO, não se está abrindo mão do trabalho com documentos escritos como os de arquivo. A perspectiva assumida pela HO inclui o diálogo-necessário-com outras fontes, além das orais. Vidal (1990) alerta sobre os equívocos que podem ser causados pelo encantamento provocado pelas narrativas, chamando atenção para os princípios de trabalho da HO, que incluem um cotejo dos depoimentos com outros documentos que se mostram pertinentes tendo em vista os recortes da pesquisa.

Sobre a ética na pesquisa, lembra Portelli que:

[...] o compromisso com a honestidade significa, para mim, respeito pessoal por aqueles com quem trabalhamos, bem como respeito intelectual pelo material que conseguimos; compromisso com a verdade, uma busca utópica e a vontade de saber “como as coisas realmente são”, equilibradas por uma atitude aberta às muitas variáveis de “como as coisas podem ser” (1997, p.15).

Portanto, tendo em vista as considerações feitas acerca da perspectiva teórico-metodológica da HO, acredito ser relevante mencionar que este trabalho de pesquisa procurou se pautar por esses princípios e, assim, buscou trazer alguns elementos importantes para compreendermos, a partir das narrativas dos professores-alfabetizadores, como foi por eles vivido e significado o período entre 1990 a 1995, na Rede de ensino municipal de Uberlândia.

Considerações finais

O estudo desenvolvido em minha tese de Mestrado teve como objetivo compreender como os professores das séries iniciais do município de Uberlândia significaram a formação em serviço vivida em um passado recente e nos dias de hoje. Procurei reconstruir, através do processo de rememoração de meus colegas professores, a memória da época em que se tinha uma rede de ensino menor, com condições de fornecer um determinado tipo de formação e o período de transição em que ocorreram vários concursos públicos para efetivação desses profissionais. Mais uma vez a importância da HO para as pesquisas científicas.



**IV Semana de História do Pontal
III Encontro de Ensino de História**

**POLÍTICA, GÊNERO E MÍDIA
na pesquisa e no ensino de História**

Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal
29 de novembro a 02 de dezembro de 2016

ISSN: 2179-5665



Ao narrarem suas lembranças em relação à formação continuada, vivenciada no período de 1990 – 1995, os professores o fizeram a partir do momento vivido no presente, retomando memórias sobre suas trajetórias a rede municipal. Possibilitaram, com isso, a redefinição e a, reorientação e, principalmente, a construção de novos sentidos para suas histórias conforme Thompson (1997) aponta, delineando assim um reposicionamento em relação ao passado.

Acredito que este artigo apresenta alguns aspectos relevantes sobre a importância da HO. Os dizeres registrados no trabalho revelam o quanto os professores valorizam e reconhecem os projetos de formação em serviço. Por um lado, algumas falas apontam para a importância dessa formação fornecer recursos e oportunidades que facilitem o acesso desse profissional a esse serviço.

Portanto, o trabalho realizado com a HO possibilita através da escuta e dos apontamentos das narrativas, a reinvenção de novas organizações de trabalho, à medida que os sujeitos podem reelaborar suas concepções, abordagens e opiniões no processo interativo da entrevista. Assim, esse é um campo de estudo que pode ser mais aprofundado em pesquisas futuras sobre os diversos aspectos que constituem a formação continuada de professores da rede pública do ensino brasileiro.

Referências bibliográficas:

AMADO, Janaina. *O grande Mentiroso: Tradição e Veracidade e Imaginação em História Oral*. (Não publicado).

_____. A culpa nossa de cada dia: Ética e História Oral. São Paulo: *Revista Projeto História*, nº 15, abril/1997, p. 145-155.

BOGDAN, Roberto C. e BILKEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

BOM MEIHY, José Carlos Sabe. *(Re)introduzindo história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.

_____. *Manual de história oral*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.



**IV Semana de História do Pontal
III Encontro de Ensino de História**

**POLÍTICA, GÊNERO E MÍDIA
na pesquisa e no ensino de História**

Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal
29 de novembro a 02 de dezembro de 2016

ISSN: 2179-5665



BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade* – lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. *Rememorando trajetórias da professora- alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

GONZÁLES REY, Fernando Luis. *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

LE VEM, Michel Marie et al. História oral de vida: o instante da entrevista. In: VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes, (org.). *Os Desafios contemporâneos de história oral – 1996*. Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1997.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significação na história oral. A pesquisa como um experimento de igualdade. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, p. 7-24, fev. 1997.

_____. História Oral como gênero. *Projeto História*. São Paulo, n. 22, p. 9-36, jun. 2001.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: *Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil*. Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais. São Paulo: Vértice, 1988, p. 14-43.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Trad. Lólio Lorenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VIDAL, Diana Gonçalves. De Heródoto ao gravador: histórias da História Oral. *Resgate* – Revista Interdisciplinar de Cultura do Centro de Memória- UNICAMP. Número 01. Campinas: CMU, 1990.

VON SIMSON, Olga (org.). *Os desafios contemporâneos da história oral - 1996*. Campinas – SP: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1997.

* Prefeitura Municipal de Uberlândia-PMU. E-mail: <cristinasoa@yahoo.com.br>.

¹ Queiroz (1988) define depoimento como a narrativa fornecida por um sujeito pesquisado quando o pesquisador já indica o recorte e o tema da fala que irá ouvir, dirigindo assim o foco do dizer do depoente.